

AS EMOÇÕES COMO ESTRATÉGIA ARGUMENTATIVA EM UM *BEST-SELLER* DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS (IURD).

Bárbara Amaral da Silva¹

Resumo: À luz da análise do discurso de linha francesa, pretendemos verificar a utilização das emoções como estratégia argumentativa para conseguir adesão do público alvo em um *best-seller* da Igreja Universal do Reino de Deus. Para isso, analisaremos o *pathos* na Introdução do livro *Mulher V: moderna à moda antiga*, de Cristiane Cardoso, filha do bispo Edir Macedo. Embora o trabalho esteja focado nas emoções, constataremos a inter-relação entre as três provas retóricas a partir da análise da relação do *pathos* com o *ethos* e com o *logos*, o que será feito, principalmente, a partir de contribuições de Christian Plantin. Levando-se em consideração Ruth Amossy, ainda verificaremos a importância das condições de produção de um discurso quando analisarmos o *pathos* na *doxa*. Por fim, refletiremos sobre alguns efeitos que podem ser gerados a partir da utilização das emoções como estratégia.

Palavras-chave: Análise do discurso. Retórica. Pathos. Discurso Religioso.

Abstract: In light of discourse of analysis of the french line, we intend to verify the use of emotions as a strategy to achieve membership of the target audience in a *best-seller* of the Universal Church of the Kingdom of God. For this, we are going to approach the *pathos* in the Introduction of the book *V Women: modern old fashioned*, written by Cristiane Cardoso, daughter of Bishop Macedo. Although the work is focused on emotions, we note the interrelationship between the three rhetorical evidence from the analysis of the *pathos* in relation to the *ethos* and to the *logos*, what will be done mainly from contributions from Christian Plantin. Taking into consideration Ruth Amossy, we will also verify the importance of the conditions of production of a speech when analyzing the *pathos* in *doxa*. Finally, we will think about some effects that can be generated from the use of emotions as a strategy.

Keywords: Discourse analysis. Rhetoric. *Pathos*. Religious Discourse.

Introdução

À luz da análise do discurso de linha francesa, pretendemos no presente trabalho verificar como as emoções são utilizadas enquanto estratégia argumentativa para conseguir

¹ Graduada em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Licenciatura plena Português (2013). Mestre em Estudos Linguísticos pela UFMG (2015), tendo como área de pesquisa a Análise do Discurso de linha francesa. Doutoranda em Estudos Linguísticos pela UFMG, tendo como área de pesquisa a Análise do Discurso de linha francesa. Durante sua trajetória acadêmica, atuou principalmente na área da Análise do Discurso, abordando temas como gêneros discursivos, transgressão de gêneros do discurso, argumentação, estereótipos e discurso religioso. Como experiência de docência, trabalhou como monitora de Português e Redação em pré-vestibulares, como professora de Inglês em cursos de idiomas e lecionou na graduação da UFMG.

adesão do público alvo em um *best-seller* da Igreja Universal do Reino de Deus (doravante IURD). Para isso, analisaremos o *pathos*², uma das provas argumentativas, na *Introdução* do livro *Mulher V: moderna à moda antiga*, escrito por Cristiane Cardoso, filha do bispo Edir Macedo, fundador da IURD.

Para tanto, o trabalho que se segue será dividido em seis partes, na primeira, ensaiaremos uma reflexão sobre a relação estabelecida entre mulheres e religião ao longo da história. Dessa forma, ao final de nossa análise, poderemos pensar se a obra de Cardoso (2011) poderia ser considerada moderna, como se pretende. Para tanto, recuperaremos estudos de outras áreas, como sociologia e antropologia. A segunda parte contará com a apresentação do livro; na terceira parte, o foco será verificar qual é o posicionamento da autora a respeito das emoções, o que será feito a partir de trechos retirados de capítulos do livro em comparação com alguns autores da Retórica Antiga. A partir daí, discorreremos sobre a análise do *pathos* na *Introdução* e sobre sua contribuição para garantir a adesão do público àquilo que está sendo dito. Dessa forma, a quarta parte diz respeito à análise do *pathos* na *doxa*, levando-se em consideração, principalmente, as ideias de Ruth Amossy sobre este conceito, que será devidamente esclarecido no decorrer do trabalho. Na quinta parte, estudaremos o *pathos* no *logos*, na qual daremos enfoque a termos passíveis de gerar emoções, para tanto serão utilizadas as teorias de Christian Plantin. Na última parte, daremos foco ao *pathos* no *ethos*, ideia desenvolvida por Plantin e retomada por Melliandro Galinari em um de seus artigos.

O trabalho que se segue possui relevância para os estudos do discurso, uma vez que a religião evangélica foi a que mais cresceu nos últimos anos, segundo dados do IBGE que mostraram que “no ano 2000 eles [os evangélicos] representavam 15,4% da população. Em 2010, chegaram a 22,2%, um aumento de cerca de 16 milhões de pessoas (de 26,2 milhões para 42,3 milhões). Em 1991, este percentual era de 9,0% e em 1980, 6,6%”³. A mesma pesquisa ainda mostrou que em um ranking sobre “grupos de religião, por número de adeptos”, a IURD ocupava o 9º lugar. Cabe aos pesquisadores de diversas áreas tentarem buscar sentidos para essa grande expansão. O trabalho aqui proposto contribuirá, então, para desvendar alguns pontos importantes sobre o discurso em foco, principalmente quanto às emoções como estratégia argumentativa e, também, quanto ao ideal de mulher propagado no discurso em foco.

²Devido às dimensões deste artigo, tomaremos “emoções”, “paixões” e “afetos” como palavras sinônimas a “*pathos*” e não problematizaremos os termos.

³<http://censo2010.ibge.gov.br/>

Um ensaio sobre o lugar das mulheres nas religiões

Antes de nos voltarmos à obra propriamente dita, vejamos um pouco⁴ da relação entre mulheres e religiões ao longo da história para podermos pensar em qual lugar a mulher foi/é colocada pelas religiões. Nossa reflexão será baseada em autores da sociologia e da antropologia, tais como Pierre Bourdieu e Merlin Stone.

Poucos têm conhecimento da existência de uma religião anterior ao judaísmo, entretanto, segundo Stone (1976), em sua obra *When God was a Woman*, no alvorecer da religião “Deus” era uma mulher, era a Deusa-Terra, Deusa-Mãe, Tellus-Matter. Ainda segundo a autora, nos primórdios da sociedade, mais especificamente no Neolítico e no Paleolítico, a procriação não era plenamente compreendida. Nessa época, acreditava-se que os bebês nasciam apenas das mulheres, o papel do homem na reprodução não era reconhecido. Devido a isso, não foi difícil aos povos da época acreditar na existência de uma Deusa mulher, a única capaz de dar a vida, assim como a terra que germina. A pesquisadora constatou que essa Deusa apareceu exaustivamente em várias histórias de todas as partes do mundo e ainda em estátuas conhecidas como *Venus figures* (figuras de Vênus) e Vênus esteatopíguas. Elas eram representações dos aspectos mais femininos das mulheres, apresentavam seios grandes e ventres avantajados, como valorização da capacidade reprodutiva da mulher.

Outro ponto relevante apresentado na pesquisa de Stone (1976) é que quando a Deusa era uma mulher, as mulheres eram valorizadas, elas detinham a posse das terras e eram líderes e conselheiras dos clãs, que eram nomeados pelo sobrenome da matriarca. Assim, os mitos se mostraram mais importantes que apenas contos infantis, nas palavras da autora: “nossa ética, moral, conduta, valores, senso de dever e até mesmo senso de humor são frequentemente desenvolvidos a partir de simples parábolas infantis e fábulas” (STONE, 1976, p. 4. Tradução nossa)⁵. Autores de diversas áreas já teorizaram sobre o poder do mito, a exemplo de Campbell (2008, p. 17) que afirma: “os mitos da sociedade constituem modelos para essa sociedade em determinada época”. Bourdieu (2012, p. 11), ao falar dos universos simbólicos, como o mito e a religião, demonstra acreditar na existência de um poder político proveniente desses universos, “[...] que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a

⁴ Devido às dimensões deste artigo, não pretendemos fazer uma retomada exaustiva da relação entre mulheres e religiões. O que propomos é apresentar eventos específicos e pontuais que possam nos dar um indício de como era essa relação.

⁵ “our ethics, morals, conduct, values, sense of duty and even sense of humor are often developed from simple childhood parables and fables”.

outra (violência simbólica) [...]”. Nosso ponto aqui é determinante para compreender a depreciação feminina que decorreu da posterior valorização de um Deus homem, o Deus-Pai das religiões judaico-cristãs.

Conforme Stone (1976), quando os Hebreus invadiram as terras ocupadas por aqueles que valorizavam a Deusa, por volta de 2400 a.C., eles impuseram o culto a um Deus homem. A partir daí, novos mitos, como o de Pandora, o de Medeia etc., surgiram para legitimar a então recente relação de gênero que se estabelecia. E não seria difícil pensarmos logo no mito de Adão e Eva, colocado na origem do mundo para validar a inferiorização da mulher e sua submissão ao homem, o que é reforçado por inúmeras passagens bíblicas, como: “Vós, mulheres, estai sujeitas a vossos próprios maridos, como convém no Senhor.” (BÍBLIA DE PROMESSAS, Aos Colossenses, 3:18). Poderíamos ainda pensar em vários outros mitos, todos eles trazem a moral de que as mulheres são descontroladas por natureza e por isso devem ficar sob o domínio de um homem. Desde então, as eternas filhas de Eva sofrem as consequências da misoginia das religiões judaico-cristãs.

Dando um salto na história, com o fim do politeísmo e a plena instauração do judaísmo, a situação da mulher se inverteu. Segundo De Vaux (2003, p. 42), ao estudar as leis de Israel por volta de 1300/1250 a.C., em sua obra *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, conta-nos categoricamente:

[...] a família israelita é claramente *patriarcal* desde nossos documentos mais antigos. O termo próprio para designá-la é ‘casa paterna’, *bêt 'ab*, as genealogias sempre são dadas seguindo a linha paterna e as mulheres só são mencionadas excepcionalmente. (grifos do autor).

Algumas curiosidades da Bíblia já evidenciam o lugar (marginal) conferido às mulheres. Primeiramente, lembremos que, embora o Antigo Testamento apresente livros produzidos por mulheres, como Rute, Ester e Judith, o Novo Testamento não apresenta a escrita de nenhuma mulher. Vale ressaltar que outros livros de mulheres bíblicas já foram encontrados, a exemplo do livro de Maria Madalena, entretanto, por interesses de gênero, não entraram na compilação. Além disso, um estudo⁶ feito pela reverenda Lindsay Hardin Freeman constatou que das 1,1 milhões de palavras presentes na Bíblia, somente 14.056 foram ditas por mulheres, o que representa o silenciamento da mulher e a sua inferioridade. As mulheres foram sendo cada vez mais apagadas e diminuídas, e tudo isso foi justificado pela vontade do Deus-Pai. A sexualidade aflorada da Deusa, que antes era valorizada, com o

⁶ Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/news/article-2940774/Study-finds-93-women-Bible-speak-just-1-1-cent-time.html>>. Acesso em 12 abr. 2016.

Deus de Israel passou a ser condenada, as mulheres só eram reconhecidas como Marias, isto é, mães e esposas.

Na Idade Média, mais especificamente no século XIII, até mesmo a medicina estava contaminada por uma visão religiosa pejorativa acerca das mulheres. Os dizeres que aparecem em Levítico (15: 19-22) são um exemplo disso:

Mas a mulher, quando tiver fluxo, e o seu fluxo de sangue estiver na sua carne, estará sete dias na sua separação, e qualquer que a tocar será imundo até à tarde. E tudo aquilo sobre o que ela se deitar durante a sua separação, será imundo; e tudo, sobre o que se assentar, será imundo. E qualquer que tocar a sua cama, lavará os seus vestidos, e se banhará com água, e será imundo até à tarde. E qualquer que tocar alguma coisa, sobre o que ela se tiver assentado lavará os seus vestidos, e se banhará com água, e será imundo até à tarde. (LEVÍTICO, 15: 19-22)⁷.

Tomasset (1990, p. 92) explica que o sangue menstrual nesta época era o culpado quando cereais azedavam, quando as plantas morriam ou paravam de dar frutos. Ainda segundo o autor, “do mesmo modo, qualquer criança pode contrair a rubéola ou a varíola, doença provocada pelo esforço que o novo organismo faz para se purgar do sangue menstrual que pode estar contido ainda nos seus membros ‘porosos’”. Nessa mesma época e devido à crença da Igreja de que as mulheres eram sujas, transmissoras de doenças e emocionalmente descontroladas, o monitoramento delas foi aumentado ainda mais quando alguns pregadores, como Alão de Lille e Gil de Roma, escreveram manuais de comportamentos para as mulheres que foram plenamente difundidos. Casagrande (1990, p. 129) explica melhor o tipo de instrução dada às mulheres nessas obras: “não rir mas sorrir, sem mostrar os dentes, não arregalar os olhos mas mantê-los baixos e semicerrados, chorar sem fazer ruído, não agitar as mãos, não mover demasiado a cabeça, etc”. Esse rígido controle fez com que as mulheres fossem cada vez mais isoladas e ficassem reclusas em suas próprias casas.

Ao fim da Idade Média e início da Idade Moderna, entre os séculos XVI e XVIII, ocorreu um fenômeno multicausal⁸ chamado de Caça às bruxas. Neste período, as Igrejas, tanto católicas quanto protestantes, condenavam como bruxa/bruxo todos que seguiam outra religião, uma vez que segundo o pensamento da época essas pessoas faziam pactos com o demônio e se encontravam em reuniões secretas chamadas de sabás para adorar o ser diabólico. Acreditava-se, pois, que “hereges e bruxas eram os participantes ativos das orgias, em que incestos, canibalismos, infanticídios, sodomia, todas as perversões sexuais eram

⁷ A palavra “separação” é usada, pois naquela época a mulher era separada do povo durante o ciclo menstrual. Entretanto, em algumas Bíblias a palavra “menstruação” é que aparece.

⁸ Para compreender a multicausalidade da Caça, assim como outras informações sobre o fenômeno, sugerimos a leitura de: LEVACK, Brian P. *A caça às bruxas na Europa moderna*. Tradução de Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

praticadas com deleite” (BARROS, 2004, p. 344). As mulheres eram consideradas bruxas, feiticeiras, perversas e pervertidas naquela sociedade, foram torturadas e queimadas nas fogueiras por crimes que não cometeram. Nesse sentido, seguindo Michelet (1989, p. 64) em seu hino às mulheres, cremos que “ainda hoje, não se pode escrever essas blasfêmias sem que o coração se irrite, sem que o papel e a pena tremam de indignação”.

Os métodos de tortura eram extremamente violentos. Além da estrapada, da roda (que esticava a pessoa), do parafuso esmagador de polegares, havia cadeiras de pontas afiadas e aquecidas por baixo, sapatos com pregos, faixas com agulhas, ferros em brasa, pinças em brasa, fome e privação de sono. Acreditava-se que a bruxa possuía uma parte de seu corpo totalmente insensível, o que era sinal de domínio sobre ela. Assim, os inquisidores espetavam a pessoa com agulhas até julgarem haver ter encontrado essa região (BASSANEZI *et al.*, 1986, p. 86).

A crença sobre as bruxas foi transmitida por meio de livros publicados por inquisidores, como o *Martelo das Feiticeiras*, uma das obras mais conhecidas sobre o tema. Alguns homens também foram acusados de bruxaria, em grande parte eram homossexuais. Entretanto, segundo Sallmann (1991, p. 518), “Nos séculos XVI e XVII, a mulher tinha quatro vezes mais possibilidades do que o homem de ser acusada do crime de feitiçaria e de ser executada por essa razão”. Os motivos para isso são simples, segundo Sallmann (1991): as eternas Evas eram consideradas mais fracas moralmente que os homens, o que as deixavam mais vulneráveis a fazerem um pacto com o demônio. Além disso, as mulheres são mais fracas fisicamente, o que tornava o pacto viável para conseguir proteção, mas também para conseguir dinheiro, já que em uma sociedade extremamente misógina as mulheres, que já trabalhavam, recebiam salários muito baixos.

Elas foram, portanto, em sua maioria, usadas como bode-expiatório para justificar uma série de eventos que devastavam o mundo, especialmente a Europa, como os problemas climáticos e de colheitas, as doenças, como a Peste Negra, a disseminação da pobreza etc.. No início do século XVIII, a Caça terminou. Já no século XIX, segundo Fraisse e Perrot (1991)⁹, o feminismo surgiu e veio acompanhado de mudanças significativas para as mulheres, por exemplo, trabalho assalariado, autonomia civil, direito à instrução e envolvimento na vida política. Apesar disso, “[...] o modelo feminino católico é exclusivamente o da esposa e da mãe. À esposa a Igreja pede submissão e espírito de abnegação. Se o mundo é para todos um vale de lágrimas, é-o em especial para as mulheres” (GIORGIO, 1991, p. 206). A cena protestante também não se difere disso. E é necessário ressaltar que, mesmo com as

⁹ FRAISSE, Geneviève e PERROT, Michelle. Introdução: Ordens e Liberdades. In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle (org). *História das mulheres no ocidente*. Tradução de Cláudia Gonçalves e Egito Gonçalves. V.4: O século XIX. Porto: Edições Afrontamento, 1991, p. 9-15.

conquistas alcançadas, o trabalho de casa continua sendo de responsabilidade exclusivamente feminina. Nesse sentido, conforme Mauge (1991, p. 584-585), “... parece que as próprias feministas têm a maior dificuldade em se libertar, e é desse modo que acabam paradoxalmente a lutar pelo direito de fazerem dois trabalhos, de realizarem uma tarefa dupla...”.

Nessa breve retomada histórica que relacionou religião e mulheres ao longo do tempo, vimos como a inferioridade e a inferiorização feminina foi construída e legitimada a partir da imposição de um Deus homem. Esta retomada nos servirá para pensarmos se a obra *A mulher V: moderna à moda antiga*, de Cardoso, possuiria algum traço de modernidade, como se pretende.

A mulher V: estrutura e características

O *corpus* deste trabalho diz respeito ao livro *A Mulher V: moderna à moda antiga*, escrito por Cristiane Cardoso, filha do bispo Edir Macedo, fundador da IURD. O livro, que teve sua 1ª edição lançada em 2011, com a qual trabalharemos aqui, atingiu recordes de venda no lançamento de sua 2ª edição em 2013 e, segundo o próprio *site* da Universal, ficou “em primeiro lugar no ranking dos livros mais vendidos no Brasil – na semana de 4 a 10 de março –, segundo lista publicada pelo site PublishNews...”.¹⁰ O livro é estruturado em 22 capítulos, além da *Introdução*, e é baseado no livro da Bíblia de Provérbios 31, que fala tudo sobre a mulher virtuosa, a mulher V. Cada capítulo é dedicado a um versículo dos Provérbios 31 e eles são exemplificados por meio de trechos retirados da própria Bíblia e também de vivências da autora.

A obra pode ser considerada um guia de como se tornar uma mulher V, ou mulher virtuosa. De acordo com Cardoso (2011), as mulheres de hoje são muito diferentes daquela que foi criada por Deus, elas perderam a essência feminina, só são valorizadas pela aparência e não pelo seu interior, tornaram-se fúteis e fofoqueiras, além de terem perdido seu valor perante o homem. Devido a esses “problemas” da modernidade, na visão da autora, foi necessário criar um guia, por meio do qual as mulheres recuperariam o valor que perderam durante os anos.

O trabalho aqui desenvolvido se reterá na análise da *Introdução* do livro, e contará com trechos de capítulos em momentos oportunos, decisão que foi tomada devido às dimensões deste artigo. Como foi dito, analisaremos a importância do *pathos* para a

¹⁰<http://www.universal.org>

argumentação construída no livro e também para a adesão do público. Mas antes desta análise, refletiremos na próxima seção sobre a visão da autora a respeito das emoções, relacionando esta visão com visões de autores da Retórica Antiga para verificarmos se o discurso sobre as emoções é o mesmo nas obras antigas e em nosso *corpus*.

Uma visão ultrapassada sobre as emoções

Nesta parte de nosso trabalho, pretendemos verificar qual o posicionamento de Cardoso (2011) a respeito das emoções. Para tanto, resgataremos brevemente o pensamento de Platão, Aristóteles e Quintiliano, o que será relacionando a trechos retirados da obra religiosa que aqui nos serve de *corpus*.

Segundo nos conta Reboul (1998)¹¹, Platão era um filósofo grego da Antiguidade que na sua obra *Górgias* deixa bem evidente sua posição quanto às emoções. Platão considerava que o que importava nos discursos dos oradores era ser verdadeiro, o que deveria ser alcançado por meio de raciocínios lógicos. Sendo assim, o filósofo condenava fortemente os sofistas e a retórica, que eram acusados de desviar o sentido verdadeiro das coisas, verdade esta que, segundo o filósofo, deveria ser encontrada na filosofia. É possível afirmar, então, que Platão privilegiava o *logos*.

Ainda conforme Reboul (1998), Platão foi professor de Aristóteles, este que abandonou grande parte das ideias de seu mestre e estruturou a Retórica de tal forma que ela passou a não ser mais subordinada à filosofia. Entretanto, uma ideia semelhante de Platão foi mantida por seu discípulo, a de que a realidade só pode ser apreendida pelo *logos*. Sendo assim, Aristóteles afirmava que, apesar desta prova ser a mais importante, é preciso estudar as paixões para que elas sejam mais bem controladas, uma vez que elas afetariam nossa capacidade de discernimento e provocariam “mudanças em nossos juízos”. (ARISTÓTELES, 196-?, p. 97).

Como vimos, o período grego foi marcado, principalmente, pelas obras de Platão e Aristóteles, as quais abordam as emoções de forma negativa. A mesma visão negativa das emoções está na Retórica latina de Quintiliano, que na parte VI da sua obra *Institutio Oratoria* aborda os “afetos” da seguinte maneira:

Quando um juiz começa a ficar com raiva, incentivar, odiar e ter piedade, ele já assume a amostra como causa própria e, assim como os amantes não podem ser

¹¹ Cf. REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. Tradução de Ivone Catilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

juízes da beleza que amam, já que o amor serve para encobrir os olhos, os afetos obscurecem as vistas do juiz para que ele não saiba a verdade, deixando-o impotente (QUINTILIANO, 1910, p. 321, VI. Tradução nossa).¹²

Como foi possível perceber, Platão, Aristóteles e Quintiliano enxergam as emoções como perturbações da alma incapazes de permitir o acesso racional à verdade, pensamento que vem mudando há algum tempo e encontra concordância, por exemplo, nos trabalhos mais recentes de Michel Meyer (2007)¹³, Patrick Charaudeau (2007; 2015)¹⁴, Ruth Amossy (2010) e outros, que, ao contrário dos retóricos aqui abordados, enxergam as emoções como sendo compostas de elementos racionais.

A ideia de retomar um pouco da Retórica Antiga foi para percebermos como o discurso de Cardoso (2011) é carregado desta mesma visão pejorativa sobre as emoções, o que pode ser percebido, por exemplo, quando a autora afirma que o pecado original aconteceu porque Eva se deixou levar pelas emoções, gerando consequências pelas quais todos pagam até hoje, como comprovam os seguintes trechos: “Eva não parou e analisou a conversa sem sentido da serpente; ela simplesmente deixou que suas emoções a guiassem [...]” (CARDOSO, 2011. p. 216). Segundo a Bíblia, a serpente seduziu Eva para que comesse do fruto da árvore central do jardim, o fruto do conhecimento, este que havia sido proibido por Deus. A autora ainda apresenta a ideia estereotipada de que “as mulheres são guiadas pelas suas emoções” (CARDOSO, 2011. p. 217) e foi isso que teria acontecido com Eva. Cardoso (2011) conta que Eva convenceu Adão a comer do mesmo fruto e aí se deu “aquele terrível erro” (CARDOSO, 2011. p. 218), ou seja, o pecado original. Depois, a autora continua: “Não há meio termo: ou você é uma esposa sábia e excelente ou é uma tola e como podridão nos ossos do seu marido.” (CARDOSO, 2011. p. 219). Neste momento, vemos a oposição entre “sábia” e “tola”, e parece-nos claro que a tolice está ligada às emoções, e a sabedoria seria o contrário.

A partir desses trechos, ainda que insuficientemente, foi possível verificar certa semelhança entre o discurso da autora e o dos retóricos antigos a respeito das emoções. É necessário ressaltar que, embora se mostre contra as paixões, a autora faz intenso uso destas em seu livro, o que será demonstrado a seguir. A próxima parte do trabalho diz respeito à

¹² *Cuando un juez comienza á enojarse, favorecer, aborrecer y compadecerse, tiene ya por causa suya la muestra, y así como los amantes no pueden ser jueces de la hermosura que aman, porque el amor sirve de velo á los ojos, así al juez le anublan los afectos para que no conozca la verdad, dejándose arrebatar de su corriente sin poder otra cosa.* (QUINTILIANO, 1910. p. 321, VI).

¹³ Cf. MEYER, Michel. *A retórica*. São Paulo: Ática, 2007.

¹⁴ Cf. CHARAUDEAU, P. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: Mendes E. & Machado I.L. (org.), *As emoções no discurso*. Campinas: Mercado Letras, 2007., V.1. ; CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2015.

análise das emoções na *Introdução* do livro *Mulher V: moderna à moda antiga*, ou seja, pretendemos verificar quais são as estratégias patêmicas utilizadas e quais os efeitos que elas podem gerar nas leitoras, isto é, quais são as contribuições das emoções para a argumentação discursiva.

Uma análise das emoções

Nesta parte do trabalho, analisaremos as emoções no livro que aqui é nosso objeto de pesquisa, levando-se em conta, principalmente, as ideias de Ruth Amossy (2010; 2011) e Christian Plantin (2008; 2010). Embora alguns pesquisadores ainda acreditem que as emoções dificultem o acesso do enunciatário à verdade de um discurso, uma vez que elas seriam contrárias à razão, nosso pensamento corrobora o de Amossy (2011) ao afirmar que:

[...] é preciso ver também que outros polos são, igualmente, estudados – em particular, o pathos ou a construção da emoção no discurso que permite atrair a adesão, *tocando tanto o coração quanto a razão do auditório*. (AMOSSY, 2011. p. 138. Grifo nosso).

É necessário esclarecer que, embora tenhamos optado pela separação das provas retóricas neste trabalho, veremos que, todos os elementos trabalham juntos para tentar obter o efeito patêmico. Sendo assim, a separação foi feita para mostrar que em determinado momento daremos foco a um destes elementos ao invés dos outros, o que acreditamos tornar a explicação mais didática e mais clara.

O pathos na doxa

Em seu livro *L'argumentation dans le discours*, Ruth Amossy (2010) apresenta o termo *doxa*, o qual é definido da seguinte forma: “A doxa é então o espaço do plausível tal como apreende o senso comum.” (AMOSSY, 2010. p. 86. Tradução nossa)¹⁵. Neste momento da nossa pesquisa, este conceito de Amossy será utilizado para analisarmos, na *Introdução* de nosso *corpus*, como o senso comum é usado para gerar emoção nos leitores e, dessa forma, conseguir a adesão dos citados quanto ao que é dito, uma vez que “É sempre em

¹⁵ “*La doxa est donc l'espace du plausible tel que l'apprehende le sens commun*” (AMOSSY, 2010.p. 86).

um espaço de opiniões e de crenças coletivas que ele (o orador) tenta resolver uma disputa ou consolidar um ponto de vista.” (AMOSSY, 2010. p. 85 Tradução nossa) ¹⁶.

O exemplo de “*pathos na doxa*” que aqui será ressaltado se encontra no seguinte trecho: “Parece que as mulheres perderam todo o seu pudor e respeito próprio. Nos dias de hoje, elas chamam os homens para sair, elas os deixam ver mais do que o necessário, fazer mais do que precisam.” (CARDOSO, 2011. p. 12). Nesse trecho, vemos que alguns comportamentos das mulheres são condenados pela autora, que, pelo fato de ser religiosa e, talvez, então, possuir um pensamento mais conservador, julga de forma negativa esses comportamentos. Para as leitoras também religiosas, ou seja, que compartilham as mesmas *doxas* que a autora, esses comportamentos apresentados provavelmente também são considerados absurdos, podendo gerar emoções, tais como a indignação, uma vez que as mulheres que agem daquela forma não estariam respeitando o que a religião prega. Entretanto, algumas mulheres religiosas e que compartilham essa *doxa* podem se reconhecer nestes comportamentos e então se sentirem culpadas ou até envergonhadas por, neste caso, estarem em uma situação pecaminosa.

Neste caso citado, Cardoso (2011) visa reproduzir e consolidar os estereótipos da mulher, que, para ser valorizada, deve se comportar de forma discreta, não deve usar determinados tipos de roupas etc.. Além disso, a autora reproduz a imagem da mulher que deve ser submissa e passiva em relação ao homem, uma vez que a iniciativa de um encontro deveria ser dele e não dela. Vemos, então, que as emoções estão ligadas a saberes e, portanto, à razão, e que elas são capazes de conseguir não só a adesão das mulheres, mas também de propagar certos modos de pensar conservadores.

O *pathos* no *logos*

O próximo passo neste trabalho será analisar “o *pathos* no *logos*”, ou seja, verificar como as emoções podem ser suscitadas a partir dos diversos recursos linguístico-discursivos presentes na *Introdução* do livro aqui analisado. Veremos, mais uma vez, a relação direta entre *logos* e *pathos*, excluindo de vez o pensamento dos retóricos antigos que colocavam essas provas em lados opostos. Para exemplificar a possível ocorrência de emoções geradas a partir do *logos*, recorreremos a ideias de Plantin (2008; 2010) sobre o assunto.

¹⁶ “... *c’est toujours dans un espace d’opinions et de croyances collectives qu’il tente de résoudre un différend ou de consolider un point de vue*”.(AMOSSY, 2010. p. 85).

Segue o trecho que selecionamos para análise: “Os homens passaram a nos ver como *objetos*. [...] E muitos deles nem precisam mais *conquistar* as mulheres; eles podem *conseguir* uma nova *num estalar de dedos*.” (CARDOSO, 2011. p. 11-12. Grifos nossos). Em primeira instância, a palavra “objetos” traz à mente a ideia de algo que serve para ser usado, mas no caso em análise o termo está relacionado às mulheres e, por isso, adquire um sentido pejorativo, uma vez que elas teriam perdido o seu valor de esposa, mãe, companheira, para serem, simplesmente, de acordo com o ponto de vista de Cardoso (2011), objetos sexuais. Além disso, pelo contexto em que vivemos, poderíamos apreender também um sentido capitalista de algo que pode ser facilmente substituído e descartado, assim como acontece, por exemplo, com celulares, calçados, roupas etc.. Essa ideia poderia gerar algumas emoções nas leitoras, tais como o medo, a vergonha e a insegurança.

Neste excerto, ainda podemos observar aquilo que Plantin (2010, p. 63) chamou de “designação indireta [das emoções], reconstrução sobre a base de indícios linguísticos”. Sendo assim, é possível perceber uma oposição entre os termos destacados “conquistar” e “conseguir”, em que o primeiro verbo passa a ideia de um objetivo que só foi atingido mediante esforço, determinação, enquanto o segundo verbo, “conseguir”, transmite o sentido de um objetivo que simplesmente foi atingido e que poderia ser atingido por qualquer um sem muito empenho. Plantin (2010, p. 63) ainda fala em “verbos que selecionam uma emoção” e retoma Balibar-Mrabti ao dizer que “alguns enunciados fazem com que apareça um substantivo abstrato de sentimento, muito restringido pela escolha lexical do verbo”. Estes verbos aqui destacados poderiam produzir uma ideia de desvalorização nas mulheres e reforçar os sentimentos de insegurança e medo que possivelmente já haviam sido suscitados pelo termo “objetos” anteriormente assinalado.

Esta desvalorização ainda é fortalecida pelo uso do artigo indefinido “uma”, por meio do qual ocorre uma indeterminação do substantivo “mulher”, indicando que poderia ser qualquer mulher, ao contrário de uma mulher escolhida “a dedo” e especial. Por fim, neste trecho, a hipérbole destacada, “num estalar de dedos”, contribui ainda mais para o sentimento de desvalorização, uma vez que esta figura gera o efeito de algo que se pode conseguir facilmente, sem esforço. Seguindo Amossy (2010), acreditamos, pois, que as figuras têm caráter fortemente patêmico e, por isso, são fortemente persuasivas. Raciocínio semelhante é desenvolvido por Perelman e Tyteca (2005, p. 192), em sua *Nova Retórica*, ao afirmarem que as *figuras* são *argumentativas* quando acarretam “uma mudança de perspectiva”, ao contrário daquilo que os autores chamaram de *figura de estilo*, que “será percebida como ornamento”. Nesse sentido, é possível crer que a hipérbole utilizada por Cardoso (2011) no trecho

destacado não foi ingênua ou sem interesse, a figura, portanto, tem a potencialidade de causar muito mais impacto no leitor do que a linguagem não figurada.

O *pathos* no *ethos*

Para discutir “o *pathos* no *ethos*”, nos apoiaremos em Plantin e também em Galinari. Plantin, ao discutir sobre o *ethos* aristotélico, afirma que “ele age por empatia, por identificação e transferência” (PLANTIN, 2008. p. 112). Dessa forma, o “*ethos* emocionado” (GALINARI, 2007. p. 235) do orador poderia “conduzir o auditório a uma aproximação com o autor, o qual supostamente sentiria as coisas do mesmo modo que o seu” (GALINARI, 2007. p. 235). Sendo assim, se o orador conseguisse a empatia de seu auditório, a emoção que aquele sentisse, ou fingisse sentir, poderia ser transferida para seu público, de modo que ele a sentisse também.

Essas ideias se relacionam fortemente com aquelas desenvolvidas no campo da interação social, comunicação e psicologia das emoções, as quais definem a empatia emocional como sendo:

A tendência de capturar (sentir/ expressar) as emoções de outra pessoa (suas avaliações cognitivas, seus sentimentos afetivos, suas expressões, padrões de respostas fisiológicas, tendência à ação e a comportamentos instrumentais). (CACIOPPO; HATFIELD; RAPSON. (1994) *apud* THANIEL, 2010 – 2011, p. 23. Tradução nossa).¹⁷

Levando essa definição em consideração, acreditamos que a empatia possa ser gerada pela *doxa*, uma vez que se um indivíduo consegue se sentir da mesma forma que outro é porque ele reconhece aquilo que o outro diz, ele tem uma memória do que o outro diz ou pelo menos consegue criar aquilo que é dito. Esta lembrança pode decorrer do fato de o indivíduo já ter anteriormente passado por aquilo que o outro lhe conta ou porque a partir de sua noção de mundo consegue construir para si aquela realidade que lhe é narrada.

Nos trechos que vamos analisar, a empatia está ligada à *doxa* que une orador e auditório. Vejamos então o seguinte trecho: “Podemos até ter conquistado muita coisa nas últimas décadas, mas também perdemos muito; e nos sentimos como um objeto que perdeu o valor, e se tornou barato, comum e sem importância”. (CARDOSO, 2011, p. 9). Apesar de Cardoso (2011) ter falado na 1ª pessoa do plural e ter utilizado o pronome “nos”, ela está

¹⁷ “*la tendance à capter (ressentir/ exprimer) les émotions d'une autre personne (ses évaluations cognitives, son ressenti affectif, ses expressions, patrons de réponses physiologiques, tendance à l'action et comportement instrumentaux).*”(CACIOPPO;HATFIELD.; RAPSON. (1994) *apud* THANIEL, 2010 – 2011, p. 23).

descrevendo uma emoção dela, que neste caso é de desvalorização. O público-alvo do livro em análise é evangélico e provavelmente compartilha a mesma *doxa* que a autora, ou seja, acredita que as mulheres, de fato, perderam seu valor na modernidade. Portanto, quando a autora afirma que se sente desvalorizada, este “*ethos* emocionado” pode, por empatia, e identificação (mesma *doxa*) ser transferido ao auditório.

Nestes casos de “*pathos* no *ethos*”, podemos pensar que quando o público reconhece o dizer do orador, ou seja, partilha as mesmas emoções, este pode ser mais bem visto e a ele pode ser dada maior credibilidade¹⁸, uma vez que o auditório sente o que ele sente, então o que ele diz é dado como verdade pelo auditório, pois foi sentido também, foi testado, foi provado e comprovado.

Considerações finais

A partir da análise realizada, percebemos que as emoções estão diretamente ligadas ao racional, ou seja, à *doxa* e ao *logos* e que, portanto, não é adequado tentar separá-los, o que é corroborado por Amossy (2010, p. 165) quando afirma que: “As emoções não têm somente efeitos cognitivos (elas influenciam sobre o julgamento do auditório), elas têm também origens cognitivas - elas são enraizadas em conjuntos de crença e de julgamento.” Sendo assim, é possível dizer que a argumentação de Cardoso (2011) foi construída a partir da relação entre o *ethos*, a *doxa* e o *logos*, nos quais o *pathos* desempenhou papel de destaque.

Além disso, necessitamos refletir sobre o lugar da mulher nessa obra que se afirma “moderna”. Vimos que o livro de Cardoso (2011) parece propagar um discurso semelhante ao dos retóricos antigos quanto às emoções, ainda que a autora faça uso destas em todo momento para tentar alcançar certos efeitos argumentativos, tais como a propagação de estereótipos, a fim de levar as leitoras a aceitarem e seguirem o modo de vida proposto. O modelo “ideal” apresentado na *Introdução* do livro ainda é aquele da mulher mãe, esposa, dona de casa, passiva e passional, que deve, portanto, ficar sob a custódia de um homem. Como vimos em nosso percurso que relacionou mulheres e religiões, a naturalização do lugar inferior da mulher ocorreu com grande participação da Igreja e parece estar acontecendo até os dias de hoje. Nesse sentido, podemos dizer que o trecho da obra analisada não apresenta traços de modernidade.

¹⁸ “A credibilidade é uma noção que define o caráter de veracidade dos propósitos de uma pessoa (“o que ele diz é verdadeiro”) ou de uma situação (“essa situação não é confiável”)”. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008. p. 143).

Podemos ainda pensar que pela *Credibilidade* da autora ela não seria questionada por seu público alvo ideal, e também por se basear na Bíblia, já que esse público provavelmente não questionaria a autoridade maior, a autoridade de Deus. Aqui vale retomar o conceito de *habitus*, de Bourdieu (2012, p. 61), “um conhecimento adquirido”, “uma disposição incorporada, quase postural”, algo que mantém a inércia dos indivíduos em dada situação. A naturalização desses papéis sociais já estaria plenamente incorporada, o que faria com que as vítimas da dominação masculina não percebessem a *violência simbólica* que sofrem: “[A *violência simbólica* faz] com que as vítimas da dominação simbólica possam cumprir *com felicidade* (no duplo sentido do termo) as tarefas subordinadas ou subalternas que lhes são atribuídas por suas virtudes de submissão, de gentileza, de docilidade, de devotamento e de abnegação”. (BOURDIEU, 2011, p. 73. Grifo do autor).

Referências

AMOSSY, R. *L' argumentation dans le discours*. 3. ed. Paris: Armand Colin, 2010.

_____. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução de Eduardo Lopes Pires e Moisés Olímpio Ferreira. *EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, n.1, p. 129-144, 2011.

ARISTÓTELES. *Arte Retórica. Arte Poética*. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. Ediouro, 196-?

BARROS, M. N. A. *As Deusas, as Bruxas e a Igreja: séculos de perseguição*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2004.

BÍBLIA DE PROMESSAS – corrigida e revisada. Tradução de João Ferreira de Almeida. 17.ed. São Paulo: King's Cross Publicações, 2012.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

_____. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. 16.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CAMPBELL, J. *Mito e transformação*. Organização e prefácio de David Kudler. Tradução de Frederico N. Ramos. São Paulo: Ágora, 2008.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. Traduzido por Fabiana Komesu. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

CARDOSO, C. *A Mulher V: moderna, à moda antiga*. 1.ed. Rio de Janeiro: Unipro, 2011.

CASAGRANDE, C. A mulher sob custódia. In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle (org). *História das mulheres no ocidente*. Tradução de Ana Losa Ramalho, Egipto Gonçalves, Francisco Geraldes Barba, José S. Ribeiro, Katharina Rzeoka e Teresa Joaquim. V.2: A Idade Média. Porto: Edições Afrontamento, 1990. p. 99-141.

DE VAUX, R. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

GALINARI, M. M. As emoções no processo argumentativo. In: MACHADO, I. L.; MENEZES, W.; MENDES, E. (Orgs.). *As emoções no discurso*. Vol.I. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 221-239.

GIORGIO, M. O modelo católico. In: DUBY, G., PERROT, M. (org). *História das mulheres no ocidente*. Tradução de Cláudia Gonçalves e Egipto Gonçalves. V.4: O século XIX. Porto: Edições Afrontamento, 1991. P. 199-237.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. 2012. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?view=noticia&id=1&idnoticia=2170&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espíritas-sem-religiao>> Acesso em: 08 out. 2014.

Livro "A Mulher V" é o mais vendido no Brasil. Disponível em: <<http://www.universal.org/noticias/2013/03/15/livro-quota-mulher-vquot-eacute-o-mais-vendido-no-brasil-20368.html>> Acesso em 12 out. 2014.

MAUGUE, A. A nova Eva e o velho Adão: identidades sexuais em crise . In: DUBY, G., PERROT, M. (org). *História das mulheres no ocidente*. Tradução de Cláudia Gonçalves e Egipto Gonçalves. V.4: O século XIX. Porto: Edições Afrontamento, 1991. P. 581-601.

MICHELET, J. *A Feiticeira*. Tradução de Ronald Werneck. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. Martins Fontes: São Paulo, 2005.

PLANTIN, C. *A Argumentação: História, teorias, perspectivas*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. As razões das emoções. Tradução de Emília Mendes. In: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lúcia (Org.). *As emoções no discurso*. Vol.II. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 57-80.

QUINTILIANO, M. F. *Instituciones Oratorias*. Tradução de Ignacio Rodríguez e Pedro Sandier. Madrid. 1910.

SALLMANN, J. M. Feiticeira. In: DUBY, G., PERROT, M. (org). *História das mulheres no ocidente*. Tradução de Alda Maria Durães, Egito Gonçalves, João Barrote, José S. Ribeiro, Maria Carvalho Torres, Maria Clarinda Moreira. V.3: Do Renascimento à Idade Moderna. Porto: Edições Afrontamento, 1991. P. 517-533.

STONE, M. *When god was a woman*. New York and London: Harvest/ HBJ Book and Harcourt Brace, 1976.

THANEL, M. *L'empatie dans la société actuelle: repenser la place du corps au sein de la relation interindividuelle*. Paris, 2010-2011. 86f. Faculté de Médecin Pierre et Marie Curie. Disponível em: <<http://mailysthanel.files.wordpress.com/2014/01/mc3a9moire.pdf>.> Acesso em 12 out. 2014.

THOMASSET, C. Da natureza feminina. In: DUBY, G., PERROT, M. (org). *História das mulheres no ocidente*. Tradução de Ana Lusa Ramalho, Egito Gonçalves, Francisco Geraldes Barba, José S. Ribeiro, Katharina Rzeoka e Teresa Joaquim. V.2: A Idade Média. Porto: Edições Afrontamento, 1990. p. 65-97.